

Sylvia Serafim, Serafim ou Sylvia

— SERGIO SCHARGEL —

intransitiva
• revista

HERANÇAS QUE RECEBEMOS, LEGADOS QUE DEIXAMOS (V. 5, N. 2, 2021)

Sylvia Serafim, Serafim ou Sylvia

Sergio Schargel

De: Sergio Schargel

Rio de Janeiro, Brasil

Para: Sylvia Serafim

Rio de Janeiro, Brasil

22 de janeiro de 2021

Prezada senhora Sylvia Serafim,

A senhora não me conhece, porém escrevo para expressar minha profunda admiração por você. Não apenas por sua obra jornalística e literária, mas por sua coragem de tratar de temas e tópicos que, vistos hoje, quase 100 anos depois, continuam vanguardistas. Contudo, como dizia Valter Hugo Mãe, a morte é exagerada: leva muito, deixa pouco.

Infelizmente, é com pesar e tristeza que devo lhe dizer que a admiração é praticamente uma exclusividade minha. O país a esqueceu. Sabe o Nelson? Irmão do Roberto, filho do Mário? Dele lembram bem. Do Roberto menos, mas também. Talvez se você não tivesse feito o que fez, eles também teriam sido esquecidos. Talvez não. Talvez você tivesse tido uma carreira longa e brilhante, talvez eu pudesse até tê-la conhecido. Seria incrível. Todavia, não adianta ficar preso ao contrafactual.

É com orgulho e humildade que eu gostaria de informá-la que eu sou o primeiro pesquisador a trabalhar com a sua obra. Sim, meu projeto de doutorado é sobre você. Não é sobre o Nelson, você não aparece nas notas de rodapé como a assassina do irmão de Nelson Rodrigues. Não. É sobre você. Sobre os seus ensaios, sobre os seus artigos de opinião, sobre os seus poemas. Uma intelectual transformada em simulacro de si própria,



tomada por assassina louca. Ou assassina fria: *A Crítica* e seus seguidores nunca conseguiram se decidir se deveriam tratá-la como psicótica ou como psicopata. E pensar que tudo isso começou porque você tinha a coragem, em 1920, de defender o trabalho intelectual feminino, o feminismo e o divórcio. Isso tudo, como disse o advogado de acusação no julgamento, porque você “Trocou sua condição de anjo do lar pela profissão de jornalista, para satisfação de sua vaidade.” Ou, como perguntou Irineu Marinho, aliado dos Rodrigues, “como classificar uma mãe que desmancha seu lar para escrever contos nos jornais? Ousará Sylvia Thibau fazer esta singela pergunta às mães cariocas?”. É como se o seu crime fosse menos o assassinato, e mais ter sido uma mulher independente em 1930.

Eu sempre me perguntei por que você o matou. Sei que nós estamos falando de 1929, a matéria de capa da *Crítica* sugerindo seu adultério foi um golpe em sua reputação. Mas precisava tê-lo matado? Sabe o que mais me dói? Não é nem rever o assassinato infinitas vezes, em programas de televisão, em comentários despropositados em bares, em peças de teatro, em filmes, em livros, em trabalhos acadêmicos. Não. É ver que ainda hoje, quase 100 anos depois, o seu crime ainda movimenta a mesma cisão que no seu julgamento. E os dois lados continuam a desumanizando, cada qual a sua maneira. Você ou é o anjo Serafim, ou o anjo caído Serafim. Nunca Sylvia, sempre Serafim. O vídeo que o *Linha Direta* fez sobre o assassinato, disponível no Youtube, está cheio de comentários que mais parecem tirados de 1930. Um usuário sugere que não há nada pior do que uma mulher adúltera, outro rebate que o assassinado teve o que mereceu, um terceiro sugere que você deveria ter assassinado toda a família. A seguir, outro usuário afirma, de forma muito mais grosseira do que seria possível parafrasear aqui, que o seu feminismo era sinônimo de adultério e que você só entrou à história como promíscua intolerante. Segundo uma das manchetes de *A Crítica*, o que você cometeu foi um “ultraje à família brasileira. Os amigos da assassina Sylvia Serafim tentam equiparar-a às virtuosas damas de nossa sociedade! [...] A família brasileira paira muito acima de todas essas indignidades.”

Me dói porque essas pessoas nunca tiveram a oportunidade de conhecer *Ramos de coral (poemas de um coração de mãe)*. Já conheci muitos que falaram de você. Já ouvi muito sobre o seu crime. Mas nunca conheci ninguém que tenha lido os seus livros. Até porque eles não são fáceis de encontrar em 2021.

Nunca foram reeditados. Eu mesmo ainda não consegui encontrar *Fios de prata, sinfonias da dor*; infelizmente, a pandemia interrompeu a minha busca. Talvez o seu filho o tenha, porém ele não toca no assunto e desconversa quando é perguntado. Qual a minha surpresa então ter encontrado *Ramos de coral* não com sua família, mas em um sebo? Ruy Castro afirma que você, como escritora, era medíocre. É possível que ele tenha razão, é possível que eu esteja colocando meus sentimentos acima da pretenciosa objetividade acadêmica, jornalística e artística. Não sou positivista, sei que não existe objetividade absoluta, mas juro que me esforço pra te tratar com o máximo de imparcialidade que consigo. O Ruy Castro não leu o mesmo livro que eu. Questiono se sequer o leu, dado a dificuldade de encontrar o livro e sua crítica se limitar a uma frase.

Talvez, em 1929, tenha sido de fato um livro medíocre. Os seus artigos jornalísticos são mais inovadores, admito isso. Mas à luz da retroatividade, o seu livro é marcado por uma sensibilidade incomum. É possível que seja o conhecimento de sua história criando um verniz em seus poemas. Mas seus poemas escritos para seus filhos são de uma delicadeza, apresentam uma estética ao mesmo tempo tão esperançosa e tão melancólica. Como se você soubesse, de alguma forma, o que iria acontecer. Como se você soubesse que iria se matar – alguns de sua família até acreditam que você foi assassinada pela esposa do pai do seu filho, mas admito que não gosto de teorias da conspiração – na frente de seu filho. Sem esse livro, o meu trabalho não seria possível. Ele é a força motriz da Sylvia escritora. Em resposta ao seu livro, eu só queria lhe dizer que o seu filho está bem, apesar de seus mais de 80 anos.

Eu tenho muitas perguntas, Sylvia, muitas mesmo. Impossível perguntar todas em uma carta curta, então vou me limitar a maior delas: por que você não passou o sobrenome Serafim para o seu filho? Um sobrenome tão belo, tão simbólico. Eu queria também ser Serafim. Você ocupa um dos pedaços mais importantes da minha vida, e eu queria dividir o seu sobrenome. Porque eu divido a sua dor. Você nunca me conheceu, mas eu a conheço como ninguém. Como seu bisneto, eu carrego a sua história em minha carne. Minha pesquisa é sobre você, Sylvia. Sobre a sua obra, sobre a desumanização que você sofreu, sobre a disputa ideológica e política que se criou em seu torno nas vésperas da Revolução de 30, sobre a pós-memória que entrelaça nossa família com os Rodrigues até hoje. Também sobre Serafim, mas principalmente sobre Sylvia. É meu dever levar a sua história

adiante, para que você seja lembrada como o ser humano complexo que foi, que todos nós somos, com suas múltiplas faces: intelectual, feminista, comunista, burguesa, assassina, poeta, entre tantas outras. Quem sabe, se eu tiver sucesso no meu trabalho talvez possa dizer, em um futuro não tão distante, que não sou mais o único a disseminar o seu legado. Quem sabe, se nesse futuro idílico, *Ramos de coral* não é reeditado? Como você bem disse, viveríamos então uma vida inteira apenas nesses cinco segundos. Mas até lá, seguiremos juntos por muitos anos, afinal, ainda há muito a ser feito. E é hora de trabalhar para que os artigos acadêmicos, peças, livros e ficções do futuro não a tratem mais apenas como assassina, não a tratem por Serafim, não digam que você era uma “mulher rodrigueana até o último fio de cabelo”, não reproduzam o cânone hermeticamente, sem questionar fragmentos contraditórios e incompletos e possam, por fim, tratá-la como a jornalista, progressista, feminista plural que foi. Que possam tratá-la por Sylvia. Não só Serafim, anjo ou demônio Serafim, mas sempre assassina.



Ilustrações de David “Haki” dos Santos

Sobre o autor

Doutorando em Letras pela USP, doutorando em Comunicação pela UERJ, doutorando em Ciência Política pela UFF. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestrando em Ciência Política pela UNIRIO. Bacharel em Comunicação Social, Jornalismo e Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, ambas pela PUC-Rio, bacharelado em Letras pela Estácio de Sá. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, pós-memória, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim Thibau.

O trabalho intelectual feminino

Feminista

(Expressamente para "A GAZETA")
 "Mulher in silencio discat cum omni subjectione" primeira epistola a Thimotheo, capitulo II, volumes 11 e 12.
 Ha vinte seculos foi essa palavra injusta tracada pela mão de um homem, e ainda hoje ella governa as mentes. Dir-se-ia que a tinta com que foi escripta se espalhou por sobre a terra, e que sua nodosa indeleavel obstrucção para sempre intelligencias e corações...
 Si ha tanto impera tal precillo, d'illo motivos poderosos serdo, por certo, seu estelo... basia São Paulo o seu mandamento na propria differença da natureza e do destino das heras, talvez no cuidado carinhoso para com a fragilidade da mulher...
 Perdém-nos os catholicos fervorosos si descobrimos um desses lapsos tão frequentes em suas doutrinas e seus doutores lapsos que pretendem sempre e timidamente negar... Eis a rasca profunda que dá São Paulo a sua condemnação ao sexo feminino: "Adam enim primus formatus est, facta Eva". Não acrescentaremos comentarios.
 Entretanto, que na Edad Média fosse a mulher chamada de "tecolio invalidum", "imbecillitas", "infirmas animi", etc., e que um consilio se tenha reunido para resolver si ella possuia ou não possessa alma, parecese doloroso para nosas pobres irmãs cuja carne soffredora é hoje menos do que de... mas é comprehensivel que assim tenha sido naquellas eras de brutalidade e fanatismo...
 Porém que hontem, nas vespéras do mesmo tempo, entre homens sagrados

se sujeita, numa crise da vida, a ser trabalhador de enxada, não quando completamente degraçado pelo vicio e pela miseria? Aquella, affirmamos cumprir o seu dever; este, desmerece aos olhos de todos.
 Num pequeno volume allemão que tem por titulo "Notas a accrescer ao livro de minha vida", de Gerhãrd J. A. Myntor, existe este trecho commovido da realidade:
 "No laborar quotidiano que a mãe de familia perde sua frescura e sua força, e se consome até à modula da indagação: Que posso cozinhar hoje?, a incessante necessidade de varrer o chão, de escovar e remendar as roupas, de limpar os pratos, tudo isso é a gotta d'agua cuja queda constante, acaba por correr lentamente, o corpo e o espirito... E' dentro do fogão da cozinha que por uma magia vulgar, a pequena criatura branda e rosada, com muma negra e dolorosa. Sobre o altar fumegante onde fervem as panelas, são sacrificadas juventude, liberdade, belleza, alegria...
 Bem sabemos que homens ha tambem cuja vida transcorre no serviço embruacedor de repetir fatigantes e cobiceira de um mecanismo... Mas estes são captivos de outras almas si genicas, o mundo se abre para ellas si quizerem e puderem se libertar. Porém, as mulheres? Cogitam os maridos, si para a cozinha, e a costura tive, além da exclusiva fatalidade de serem mulheres?
 Muitos espiritos femininos ha que para a existencia monotonica e caseira



A mulher na literatura

A mulher na Academia

(Para O JORNAL e o "Diario de São Paulo")

Sylvia Serafim



FAZ HOJE CENTO E QUARENTA E DOIS DIAS que Sylvia Serafim, ex-Thibau, esposa adúltera, mãe infame, cujos vícios inspiraram uma escandalosa acção de divórcio, para maior liberdade de cadella de rua, feriu de morte Roberto Rodrigues, artista de vinte e tres annos de idade, chefe de familia, profundamente honesto, com o fulgor de um grande talento e de virtudes inexcedíveis. A meretriz assassina será castigada.



O nacionalismo na literatura

DEZEMBRO 27 METAPODA DIRECTOR MARIO RODRIGUES Critica

Atrahindo o Nosso Companheiro a Um Gabinete Reservado, a Criminosa, Traioeiramente, Baleou-o no Ventre, Com Frieza Sangüinaria Sem Nome

DEZEMBRO 27 METAPODA DIRECTOR MARIO RODRIGUES Critica

Atrahindo o Nosso Companheiro a Um Gabinete Reservado, a Criminosa, Traioeiramente, Baleou-o no Ventre, Com Frieza Sangüinaria Sem Nome

- 1 Artigo de Sylvia Serafim publicado em A Gazeta. Disponível em: <link>. Acesso em 18 jul. 2021.
- 2 Artigo de Sylvia Serafim publicado em A Gazeta. Acervo pessoal do autor.
- 3 Foto de Sylvia veiculada em O Jornal após sua primeira tentativa de suicídio (colorida digitalmente). Edição 05171, 28 de abr. 1936. Disponível em: <link>. Acesso em 17 jul. 2021.
- 4 Nota diária veiculada na capa de A Critica do dia 27 de dez. 1929 até 24 de out. 1930. Edição 00380, 02 de fev. 1930. Disponível em: <link>. Acesso em 18 jul. 2021.
- 5 Artigo de Sylvia em O Jornal, edição 03452, 01 de fevereiro de 1931. Disponível em: <link>. Acesso em 17 jul. 2021.
- 6 Foto de Sylvia Serafim. Disponível na hemeroteca da Biblioteca Nacional.
- 7 Artigo de Sylvia Serafim. Acervo pessoal do autor.
- 8 Artigo de Sylvia Serafim. Acervo pessoal do autor.
- 9 Capa de A Critica, edição 00347, de 27 de dez. 1929. Disponível em: <link>. Acesso em 17 jul. 2021.
- 10 Artigo de Sylvia em O Jornal, edição 03751, 01 de fev. 1931. Disponível em: <link>. Acesso em 17 jul. 2021.



O que pensam e sentem as mulheres

A mulher na literatura

DEZEMBRO 27 METAPODA DIRECTOR MARIO RODRIGUES Critica

Atrahindo o Nosso Companheiro a Um Gabinete Reservado, a Criminosa, Traioeiramente, Baleou-o no Ventre, Com Frieza Sangüinaria Sem Nome